



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

Sem URL

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by Huya. All rights reserved.

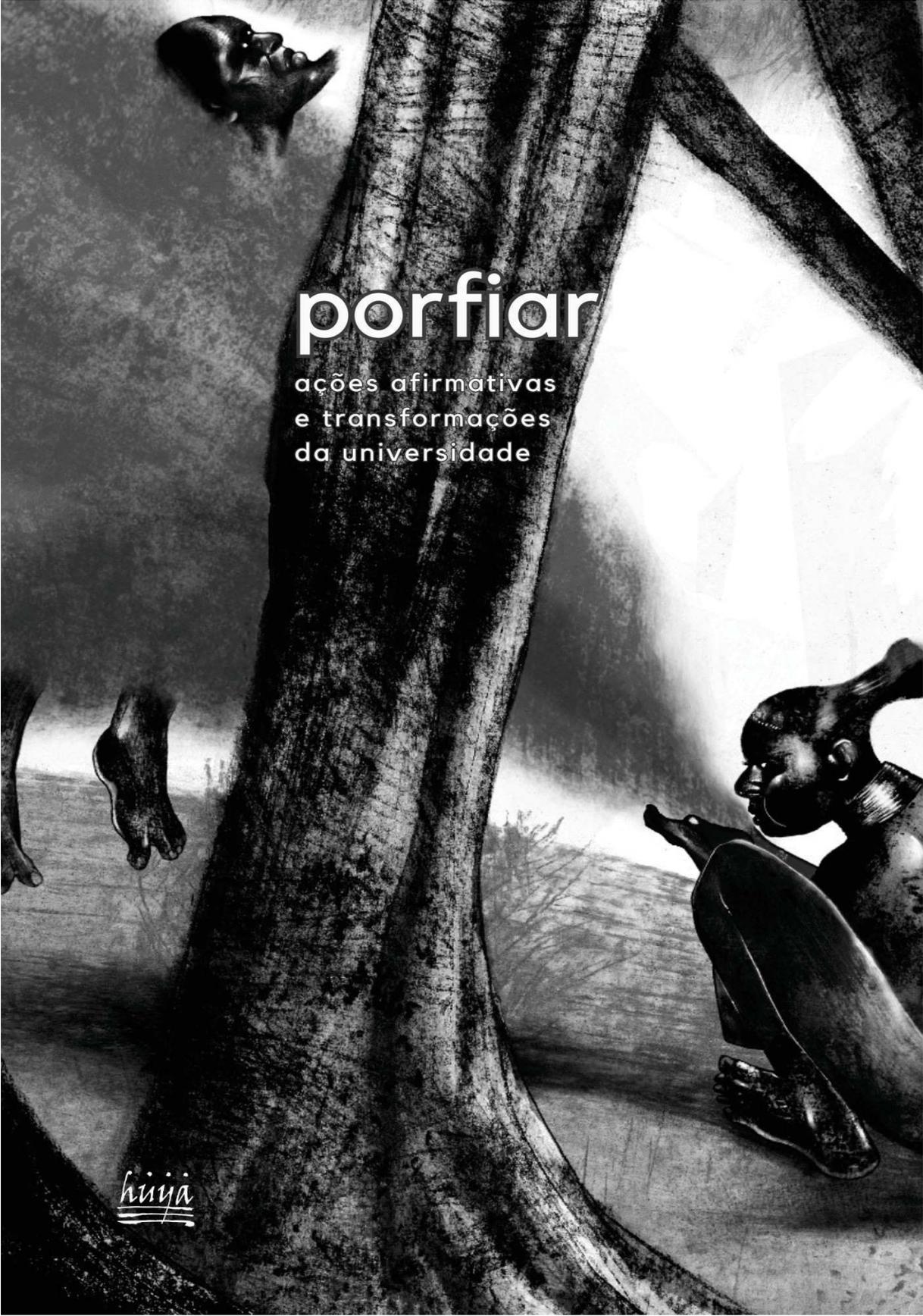
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



porfiar

ações afirmativas
e transformações
da universidade

hiiya

PORFIAR:
AÇÕES AFIRMATIVAS
E TRANSFORMAÇÕES
DA UNIVERSIDADE

Série 50 e tantos

Coleção Avakuaaty – PPGAS Unicamp

Coordenação

Joana Cabral de Oliveira

Conselho Editorial

Adriana Piscitelli · Antonio Augusto Arantes · Antonio Roberto Guerreiro Júnior · Artionka Manuela Góes Capiberibe · Bela Feldman-Bianco · Christiano Key Tambascia · Emília Pietrafesa de Godoi · Guíta Grin Debert · Heloísa André Pontes · Isadora Lins França · Joana Cabral de Oliveira · José Maurício Paiva Andion Arruti · Maria Filomena Gregori · Maria Suely Kofes · Mauro William Barbosa de Almeida · Nashieli Rangel Loera · Omar Ribeiro Thomaz · Regina Facchini · Rodrigo Ferreira Toniol · Ronaldo Rômulo Machado de Almeida · Susana Soares Branco Durão · Taniele Cristina Rui

huya editorial

Conselho Editorial

Miguel Vale de Almeida · Universidade de Lisboa
Benedict Anderson (*in memoriam*) · Cornell University
Jean-Philippe Belleau · University of Massachusetts, Boston
Maria Elvira Diaz Benítez · Universidade Federal do Rio de Janeiro
Hauke Brunkhorst · Universität-Flensburg, New School for Social Research
Sérgio Costa · Freie Universität Berlin
Teresa Cruz e Silva · Universidade Eduardo Mondlane
Guy Dallemand (*in memoriam*) · Université d'Etat d'Haïti
Mamadu Jao · Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau
Claudio Lomnitz · Columbia University
Sebastião Nascimento · Universität-Flensburg
João de Pina-Cabral · University of Kent
Elisa Reis · Universidade Federal do Rio de Janeiro
Verena Stolcke · Universitat Autònoma de Barcelona
Abram de Swaan · Universiteit van Amsterdam
Omar Ribeiro Thomaz · Universidade Estadual de Campinas

PORFIAR

AÇÕES AFIRMATIVAS E TRANSFORMAÇÕES DA UNIVERSIDADE

Organização

Ana Carolina Oliveira Marcucci

Jinx Vilhas

João Henrique Custódio

Lucía Copelotti

María Florencia Chapini

Marília da Silva Lima

William Paulino Rosa

Prefácio

Dagoberto José Fonseca

Revisão

Sebastião Nascimento



Prefácio: Dagoberto José Fonseca
Revisão: Sebastião Nascimento
Apoio: PPGAS/IFCH, CAPES

P835p PorFiar: ações afirmativas e transformações da universidade / organizadores, Ana Carolina Oliveira Marcucci, Jinx Vilhas, João Henrique Custódio, Lucía Copelotti, María Florencia Chapini, Marília da Silva Lima, William Paulino Rosa; prefácio, Dagoberto José Fonseca; revisão, Sebastião Nascimento. – Curitiba: huya, 2023. 197 p.

Publicação digital em formato PDF.

1. Ações afirmativas. 2. Universidade pública. 3. Cotas. 4. População negra. 5. Povos indígenas. 6. Pessoas trans. I. Marcucci, Ana Carolina Oliveira. II. Título.

ISBN 978-85-67498-07-2

CDU 316.022.4
316.344.7
316.647.82
323.14



Domínio Público

Esta obra se encontra em domínio público pela vontade de seus autores, que expressamente renunciaram, irrevogavelmente e em âmbito mundial, a todos os seus direitos patrimoniais e antecipam os efeitos do domínio público sobre seus direitos morais, na extensão permitida por lei. Em qualquer hipótese de utilização, a autoria da obra original deverá ser devidamente informada.



huya, 2023

huya editorial
rua alferes müller, 35
82600-500 curitiba – pr
t +55 41 96531900
huyaeditorial@gmail.com

APRESENTAÇÃO

ANA CAROLINA OLIVEIRA MARCUCCI
JINX VILHAS
JOÃO HENRIQUE CUSTÓDIO
LUCÍA COPELOTTI
MARÍA FLORENCIA CHAPINI
MARÍLIA DA SILVA LIMA
WILLIAM PAULINO ROSA

O *e-book* que você tem em mãos é, por assim dizer, o resultado do encontro entre distintos sujeitos e grupos que partilham do mesmo anseio pela democratização do acesso ao ensino superior público, e que estão engajados politicamente de distintas maneiras com os processos de ampliação do acesso às universidades e com a permanência no espaço acadêmico.¹ Os esforços das pessoas organizadoras e autoras que

¹ No ano de 2002, por meio do Decreto nº 4.228, foi instituído o Programa Nacional de Ações Afirmativas no país. O sistema de reserva de vagas não é algo que acontece apenas no Brasil, uma vez que alguns países com histórico de desigualdades populacionais, tais como Estados Unidos, Colômbia, Canadá, Índia, Nova Zelândia, Austrália e África do Sul, também adotaram tal política pública como forma de remediar disparidades históricas e estruturais. O debate sobre Políticas Públicas de Ação Afirmativa fez parte do Reuni, programa de expansão e investimento das universidades e institutos federais. Nesse contexto, a questão das Ações Afirmativas de reserva de vagas ganhou maior amplitude entre os conselhos universitários, com a adoção de cotas para estudantes de escolas públicas e para estudantes negros e indígenas; fazendo com que, em 2012, fosse sancionada a Lei 12.711/12, regulamentando o sistema de cotas em uni-

assinam os textos que compõem esta publicação se encontram no processo de construção de um evento que tinha como objetivo discutir sobre ações afirmativas implementadas por distintos programas de pós-graduação, bem como as estratégias para a permanência empreendidas por estudantes e pelas instituições. As *Pré-Jornadas – Políticas de ações afirmativas e permanência: ganhos, limites e desafios nas universidades brasileiras*, nome dado ao evento, ocorreram nos dias 5, 13 e 19 de outubro de 2020 e antecederam as *Jornadas de Antropologia John Monteiro 2020*. As Jornadas fazem parte do calendário de eventos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH – Unicamp) desde 2011, e tratam-se de um seminário promovido por discentes.

As mesas que compuseram as *Pré-Jornadas 2020* tiveram como objetivo abarcar as experiências de acesso e permanência na pós-graduação de pessoas negras, povos indígenas e de pessoas trans. A justificativa para tal delimitação se deu pois o PPGAS/IFCH – Unicamp, programa ao qual as pessoas organizadoras deste *e-book* estão vinculadas, havia acabado de adotar uma política de ação afirmativa no molde de reserva de vagas para pessoas trans. Este mesmo programa já possuía políticas afirmativas de cotas para pessoas negras desde 2015 e para povos indígenas desde 2016. Para além dessa nova modalidade de reserva de vagas para pessoas trans, o PPGAS – Unicamp discutia na ocasião a adoção de critérios socioeconômicos para a atribuição das

versidades e institutos federais. No Brasil, algumas instituições foram precursoras em relação à adoção de política de ação afirmativa. Em 2002 a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) foi a primeira instituição pública a adotar as ações afirmativas. No ano seguinte, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, em 2004, a Universidade de Brasília (UnB) passaram a fazer parte desse sistema.

bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CAPES/CNPq), medida que foi posteriormente aprovada, prevendo a criação de duas comissões compostas por discentes e docentes: a Comissão de Ações Afirmativas e a Comissão de Permanência.

Em vista disso, a programação das *Pré-Jornadas 2020* contou com a participação de estudantes que estavam e estão produzindo conhecimento e que se têm engajado politicamente com a temática. As mesas, por sua vez, foram compostas por pessoas de diferentes regiões do Brasil e que integravam os corpos discentes de distintos Programas de Pós-Graduação (PPGs) de universidades federais e estaduais. A primeira mesa voltou-se à reflexão sobre políticas de ações afirmativas, e sobre a chegada e permanência de pessoas negras.² Em seguida, numa segunda mesa, essas questões foram debatidas à luz dos desafios enfrentados por povos indígenas.³ Na terceira e última, a temática foi o acesso e permanência das pessoas trans.⁴ Este *e-book*, portanto, é o

² Na ocasião, foram apresentados dados relevantes acerca do número de candidatos e ingressantes optantes/cotistas desde a adoção das políticas de ações afirmativas nos processos seletivos do PPGAS – UNICAMP, em 2020. Desde então, nos últimos cinco editais, a adesão a essa política pelo programa não atingiu seu objetivo de 25% de optantes, chegando apenas a 19%. Ademais, até 2020, apenas uma estudante indígena compôs o corpo discente do programa, dentre os seis únicos candidatos inscritos nesta modalidade nos cursos de mestrado e doutorado desde a implementação da reserva de vagas.

³ IFCH – Unicamp. *Pré-Jornadas de Antropologia John Monteiro – Políticas e Ações Afirmativas para População Negra*. YouTube, 5 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_H9i2UyNZmY>. Acesso em: 8 de abril de 2022.

⁴ IFCH – Unicamp. *Pré-Jornadas de Antropologia John Monteiro – Políticas e Ações Afirmativas para Pessoas Trans*. YouTube, 19 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MZenqO2fxk8>>. Acesso em: 8 de abril de 2022.

registro e aprofundamento dos debates ocorridos no contexto das *Pré-Jornadas de Antropologia John Monteiro 2020*, sendo, também, o resultado do entrelaçamento de distintas experiências, conhecimentos, mobilizações e reivindicações em torno do acesso e da permanência no ensino superior público brasileiro.

Entendemos que o contexto do PPGAS – Unicamp de modo algum está isolado das discussões, desafios e experiências de colegas de outros programas de pós-graduação, diante da adoção das ações afirmativas nas universidades brasileiras. Nesse sentido, as *Pré-Jornadas 2020* nasceram com o intuito de compartilhar conhecimentos e fortalecer alianças com colegas de outras instituições e cursos. Nós, pessoas negras, trans, indígenas e mulheres vivenciamos a universidade de um lugar muito particular – lugar este que muitas vezes caracteriza espaços de silenciamento e violência. Pensarmos juntas/juntos/juntas é a única maneira de construir caminhos que enrasquem os não ditos em suas próprias armadilhas, além de nos lembrarmos de que não somos nem estamos sós. A universidade pública que queremos é coletiva, inclusiva e precisa ser potência de vida para a construção de novas trajetórias e modos de conhecer.

A proposta do evento partia do entendimento que as mesas deveriam tangenciar as realidades específicas de cada grupo definido pela política de ação afirmativa. Convidamos para a composição das mesas discentes que estão pesquisando a temática ou que se engajam politicamente com o assunto. Bem como primamos para que as mesas fossem compostas por pessoas de diferentes regiões do país e que integrassem o corpo discente de universidades públicas, federais e estaduais.

Nas *Pré-Jornadas 2020*, a mesa de pessoas negras foi mediada por Tarcísia Emanuela (mestranda em Antropologia Social, PPGAS –

Unicamp), e teve as exposições de Isadora Brandão (doutoranda em Direitos Humanos, PPGD – USP), João Alípio de Oliveira Cunha (mestrando em Antropologia Social, PPGAS/MN – UFRJ e Coletivo Marlene Cunha) e Gabriela Bacelar (mestra em Antropologia, PPGA – UFBA), além de ter contado com a abertura da professora Isadora Lins França (professora do DAN/PPGAS – Unicamp), que apresentou um panorama sobre as ações afirmativas no PPGAS – Unicamp até o ano de 2020.⁵ A mesa sobre povos indígenas, por sua vez, contou com a mediação de Josy Moreira (doutoranda em Antropologia, PPGAS – Unicamp) e as falas de Silvio Bará, da etnia Bará, (doutorando em Antropologia Social, PPGAS – UFAM), Rosi Waikhon, da etnia Piratapuia, (doutoranda em Antropologia, PPGA – UFSC) e Tiago Nhandewa, da etnia Guarani-Nhandewa, (mestrando em Antropologia Social, PPGAS – USP). Finalmente, com a mediação de Brume Dezembro Iazzetti (mestra em Antropologia, PPGAS – Unicamp), a mesa dedicada às pessoas trans apresentou as comunicações de Ian Habib (mestrando em Dança, NuCus – UFBA), Leona Wolf (mestranda em Economia Política Mundial na UFABC e integrante do Coletivo PRISMA Dandara dos Santos) e Naomi Pomella (Graduanda em Física, Unicamp).

Os debates suscitados por todas as/todes es/todos os participantes das três mesas trouxeram questões não só urgentes, como bastante contundentes em relação à vivência e à cotidianidade de pessoas negras, trans e povos indígenas nos contextos das pós-graduações. Vimos que pensar as complexidades da implementação das políticas de ações

⁵ IFCH – Unicamp. *Pré-Jornadas de Antropologia John Monteiro – Políticas e Ações Afirmativas para Populações Indígenas*. YouTube, 13 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gNA6XvA8ddk>>. Acesso em: 8 de abril de 2022.

afirmativas envolve a exposição de experiências marcadas por violências estruturais, discussões sobre as condições de ingresso e permanência, a necessidade de organização coletiva, reflexões históricas, conjunturais e institucionais e consideração dos efeitos na/da política. A premência das políticas de ações afirmativas não foi de modo nenhum fortuita, pois fruto de reivindicações e lutas pelo reconhecimento de processos desiguais e históricos de acesso à universidade pública.

Sim, nossos passos vieram de longe e os caminhos continuam em plena construção. De tal forma, os avanços e as melhorias quando da implementação desse tipo de política não ocorrerão sem uma atenção constante às falas de quem tem sua existência reiteradamente silenciada nesses espaços. O exercício da escuta, portanto, também se deve (re)colocar como condição fundamental para um horizonte possível de transformações epistêmicas, ontológicas e políticas nas universidades públicas.

Isto posto, para esta publicação, contamos com as contribuições de algumas pessoas participantes das mesas do evento. Gabriela Bacelar apresenta um caso etnográfico sobre experiências de racismo estrutural da primeira turma de estudantes cotistas de um programa de pós-graduação na Bahia, e as particularidades da instituição acadêmica enquanto mais um espaço de hegemonia da brancura. O texto de João Alípio Cunha e Rafael Moreira Serra da Silva trouxe reflexões sobre as ações políticas realizadas pelo Coletivo Marlene Cunha, desde eventos para reivindicar a legitimidade de intelectuais negros, como a antropóloga Marlene Cunha, até as propostas do coletivo para promoção do ingresso e permanência de pessoas negras na universidade. Tiago Nhandewa, por sua vez, argumenta sobre as tensões e intersecções do conhecimento indígena na academia, em especial no diálogo com a

disciplina antropológica; assim como tece reflexões sobre a sua própria trajetória e a de outros colegas indígenas no programa de pós-graduação de que fazem parte. Já o texto de Ian Habib questiona o binarismo do *cistema* a partir da sua experiência de ingresso na universidade, trazendo também propostas que, elaboradas coletivamente na instituição, envolvem a gestão de dados pessoais, pesquisa e permanência na universidade. Por fim, Leona Wolf considera as experiências trans na universidade como uma fronteira e um ponto de ininteligibilidade que não obedece à norma heterossexual baseada na hierarquia sexual. A autora reivindica ainda a reserva de vagas e o acesso à bolsa como uma política pública que deve reconhecer às pessoas trans o status de cidadania.

Além dos textos mencionados, nas seções a seguir também contamos com a contribuição de integrantes do Diretório Central dos Estudantes Indígenas (DCEIN), do Núcleo de Consciência Negra (NCN) e do Ateliê TRANSmoras, que atuam na Unicamp. A extensão do convite aos três coletivos para compor esta publicação veio da necessidade de ampliar espaços de interlocução, sem deixar de somar com espaços de discussão e luta já construídos. Por isso, em um movimento para acumular experiências e destacar articulações já organizadas, convidamos integrantes dos coletivos para que apresentassem as suas histórias e nos contassem sobre as articulações e a militância em torno da aprovação e implementação das políticas de ações afirmativas e permanência na universidade.

Os coletivos surgem de demandas por representação e articulação política em que são construídas e discutidas pautas de interesses comuns, como as mobilizações para a implementação e manutenção das políticas de ações afirmativas e de permanência estudantil. Um coletivo

possui sua própria dinamicidade e suas próprias formas de se engajar, como fica claro no texto do Ateliê TRANSmoras. Também contribuem por intermédio de diversas atividades e frentes para a descolonização do conhecimento passado no ambiente acadêmico, conforme nos fala o DCEIN, atuando para garantir que debates, reivindicações e manifestações da sociedade e de grupos específicos atravessem o isolamento da universidade e ali consigam permanecer e florescer. Por outro lado, como aponta o NCN, os coletivos podem atuar não somente como um espaço responsável de aprendizado e resistência, mas também como espaços de cura, ao confrontar e valorizar experiências diversas.

Convidamos ainda Dagoberto José Fonseca (professor do PPGAS – Unesp) para escrever o prefácio a esta publicação a partir das mesas das *Pré-Jornadas 2020*. Com palavras potentes, Dagoberto Fonseca apontou as particularidades das vivências, produções e disputas que atravessam os textos desta publicação, ao pensar a universidade como um espaço de pluriversidade e discutir sobre o reconhecimento do lugar político que a produção científica tem na nossa sociedade.

A presente publicação nasceu de múltiplas inquietações e do desejo de fortalecer alianças em prol das políticas de ações afirmativas. Nesse sentido, o livro situa-se em um longo debate não só acadêmico como político e vislumbra horizontes de resistência, criatividade e vida. Portanto, surge menos como um indício de finalização de processos e mais como possibilidades de reflexões e construções de novas tramas na universidade. Nesse *porfiar* emergem entrelaçamentos de narrativas, das lutas cotidianas e das experiências de pessoas negras, trans e povos indígenas.